

Processos de folkcomunicação nas narrativas dos casamentos matutos das quadrilhas juninas em Fortaleza (CE)¹

Henrique Pereira Rocha²
Faculdade Cearense (FaC), Fortaleza, CE

RESUMO

O casamento matuto é uma encenação que se integrou à quadrilha junina por circunstâncias históricas e passaram a ser representados consecutivamente. A permanência deste entremeio dramático nas quadrilhas juninas em Fortaleza (CE) é abordada neste trabalho a partir de seu valor enquanto elemento comunicacional nas festas do clico junino, possuindo características de processo de folkcomunicação. A partir de uma observação empírica do fenômeno, procuramos fundamentar nosso argumento através de pesquisa bibliográfica voltada ao tema. Observamos que são produzidas narrativas em que, através dos casamentos matutos, cada grupo expressa suas mensagens e ideologias, onde os conflitos representados sempre acabam por fazer uma ponte entre o que é a realidade social histórica e a realidade cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: folkcomunicação; folclore; cultura popular; quadrilhas juninas; narrativas orais.

Introdução

A Quadrilha Junina é uma manifestação de cultura popular que nas últimas décadas vem tendo sua realização cada vez mais difundida no meio urbano de Fortaleza (CE) através dos Festivais de Quadrilhas. Para tanto, os diversos grupos de quadrilha que têm sua origem essencialmente nas classes subalternas da sociedade, vem desenvolvendo um significativo trabalho de manutenção desta importante tradição do calendário de festividades populares. O esforço em manter esta tradição tem provocado também novas interpretações e variações na proposta apresentada por cada grupo causando assim uma diversidade de estilos e concepções acerca deste evento junino.

Em uma primeira análise poderíamos dizer que a “competição” se caracterizaria por um lado como um fator que tem provocado a perda de qualidades de autenticidade,

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Gestão de Produtos e Serviços Culturais pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Doutorando em Ócio e Desenvolvimento Humano pela Universidade de Deusto (Bilbao/Espanha). Presidente da Comissão Cearense de Folclore. E-mail: henrique@faculdadescearenses.edu.br; hrochabr@gmail.com.

enquanto que por outro lado é a grande incentivadora para que as quadrilhas perpetuem sua existência. O confronto de conceitos pessoais por parte dos quadrilheiros acerca da tradição e da validade da utilização de elementos modernos, notadamente na mudança de materiais e estilo nas indumentárias utilizadas, tem provocado discussões e debates em busca de um consenso.

Este estudo procura destacar dentro deste contexto de dinâmica cultural, um aspecto relevante da linguagem das quadrilhas juninas que oferece subsídios para a análise das representações sociais: o casamento matuto. Através deste entremeio dramático presente na dança, identificamos transformações nos elementos significativos das quadrilhas juninas na contemporaneidade e suas conseqüências nos processos de produção desta manifestação popular em Fortaleza (CE). Assim, procuramos estabelecer as conexões existentes nesta forma de expressão popular e os conceitos e abordagens da folkcomunicação através de seus principais teóricos, considerando principalmente a mediação existente entre a cultura popular e a cultura de massa, difundida através dos meios de comunicação de massa. Importante, também, é a verificação dos contextos em que estão inseridos e são produzidos elementos de significação que fazem parte das narrativas dos casamentos matutos das quadrilhas juninas, que diferem, ou aparam, o conceito de tradição transmitido pela oralidade.

Mais que perpetuar uma tradição, nossas Quadrilhas, Bumbas-meu-boi, Maracatus, Reisados, Pastoris, Danças do Coco, etc., são um sinal evidente da existência de uma cultura de resistência em nosso povo. E é através destes eventos culturais que o popular reafirma e legitima sua existência enquanto gerador de cultura e transformador social, principalmente ao provocar reações adversas e despertar as atenções para este momento de nossa cultura, que se caracteriza pelo renascimento e pela capacidade de criar novas formas de relação e produção.

Quadrilhas juninas, dinâmica cultural e o sentido da festa

A quadrilha junina é uma manifestação de cultura popular que tem uma existência marcante no contexto urbano de Fortaleza (CE). Nesta cidade existem cerca de 160 grupos que se organizam para montar e exibir suas quadrilhas nos mais diversos festivais que são promovidos. É um movimento que envolve aproximadamente 9.600 pessoas participando

diretamente da composição dos grupos³. Em termos de movimento cultural, poderíamos dizer que é a manifestação que reúne mais pessoas em torno de sua realização na cidade. Com essa diversidade de participantes e produtores estabelecemos alguns parâmetros para a avaliação do movimento quadrilheiro como um evento ao nível de manifestação de cultura popular que chega ao início deste século com características ideológicas próprias sem perder de vista sua origem rural e a perspectiva de preservação de uma tradição.

Dentro deste universo sentimos a necessidade de levantar algumas considerações que acreditamos pertinentes neste trabalho de análise de um evento cultural com formas e conteúdos nitidamente definidos. Partiremos então de uma observação elementar sobre o conceito de cultura para que entendamos esta primeira instância onde está localizada a quadrilha junina. Para uma definição geral de cultura devemos ter em conta o conjunto de valores materiais e espirituais criados pela humanidade ao longo de sua história e como fenômeno social que representa o nível de desenvolvimento alcançado por uma sociedade na instrução, na ciência, na arte, na filosofia, etc. (SODRÉ, 1983)

Para definir o sentido de sociedade do ponto de vista antropológico, a cultura pode ser entendida também através da concepção de Laraia (1992), na qual o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Este homem reúne em si conhecimento e experiência fruto de um longo processo de acumulação herdada pelas gerações que o antecederam.

Com estas duas definições, temos inicialmente alguns subsídios para identificarmos o caráter de valor espiritual das festas juninas, bem como do seu valor material através da produção de seus elementos figurativos. Diante do fato de que o evento cultural que analisamos apresentar características dinâmicas pela interferência de seus próprios produtores, achamos importante registrar a abordagem oferecida pela definição de Sodré onde a

Cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas da estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano. (SODRÉ, 1983, p. 28)

Com essa abertura para novas possibilidades de determinação da cultura, podemos atentar já para seu caráter transformador onde as manifestações de representação da sociedade - na qual está enquadrada nossa quadrilha junina - apresentam novas possibilidades de interpretação do cotidiano. Acreditando nisso, nossos produtores de

³ Esta afirmação baseia-se na multiplicação da média de número de grupos pelo número de integrantes que compõem cada quadrilha, que é de 60 componentes entre brincantes e diretoria.

quadrilha não têm economizado criatividade na hora de se utilizarem da quadrilha como uma forma de expressão, de comunicação de sua realidade cotidiana sem perder de vista a tradição do instrumento de representação. Aqui, começamos a dar os primeiros passos na construção do perfil dos conteúdos que a quadrilha tem se utilizado hoje em dia para expressar-se. Estes conteúdos estão presentes desde a forma de composição dos grupos e sua importância dentro da comunidade em que se instala, até a elaboração da representação da manifestação, através da estética de seus figurinos, música e mensagens tornadas explícitas durante a encenação do casamento matuto na quadrilha.

Para aprofundar a análise dos fatores que estão levando as quadrilhas juninas a se constituírem em uma importante chave no processo cultural da cidade, devemos levar em consideração também o fato deste evento estar ligado a um sentido de cultura que se constitui em um processo pelo qual os homens se orientam e dão significado a suas ações, através de uma manipulação de símbolos própria a qualquer manifestação humana, seja ela de caráter religioso, político ou artístico. Na análise deste tipo de fenômeno torna-se fundamental também observar as características que marcam as dinâmicas culturais, pois se tratam dos processos permanentes de reorganização das representações na prática social. Representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática, para usar como base o pensamento de Durham (1977), no qual estas representações são consideradas a partir do ponto de vista da dinâmica cultural, ou seja, do ponto de vista de como ele é produzido e não apenas do ponto de vista do produto em si.

Ao considerarmos a relação entre o ato de produzir e o produto propriamente dito no conceito da dinâmica cultural percebemos que devemos eliminar as concepções simplistas que põem em campos opostos os consumidores aos produtores de cultura, em termos de uma aceitação passiva por parte do público, dos conteúdos e mensagens que a eles são submetidos. Esta consideração assume relevância especial quando tratamos de um produto cultural em que seus produtores e consumidores não estão presos a uma distinção de classes, fato que assumiria uma conotação política. Contudo, sua prática não deixa de ser projetada na esfera das ideologias ou ter significado político, sofrendo interferências diretas tanto de produtores quanto de consumidores, já que para a eficácia de suas mensagens os produtores levam em consideração os valores e gostos do grupo ao qual se dirigem.

Podemos passar a compreender, assim, que a quadrilha junina se trata de uma manifestação de cultura, portanto um produto, que se caracteriza também como um meio de comunicação de um grupo social com as mensagens que lhe são peculiares e pelo quais

respondem seus produtores. Ao longo deste trabalho tratamos as quadrilhas juninas como uma expressão cultural que com o tempo, e pelas condições das dinâmicas culturais, passou a ser uma forma de comunicação de grupos sociais estabelecidos na periferia da cidade e que possui também sua relação com os meios de comunicação de massa. Ao assumir esta nova função social a partir das discussões entre tradição e modernidade, podemos acrescentar às quadrilhas um efeito de reelaboração cultural espontânea (DURHAM, 1977), que abriria para esta manifestação um aspecto propriamente político da dinâmica cultural referentes à sua natureza, particularidades e ideologia.

A quadrilha junina torna-se campo de discussão das questões acima justamente quando entra em pauta a problemática de sua identidade tradicional e moderna. As questões que se levantam hoje são consequências de todo este processo de transformação - ou seria mesmo de adição - de novas abordagens e responsabilidades para a manifestação e seus produtores, tendo como base ainda o anseio de satisfação de seu grupo consumidor. Além de tudo isso, este evento cultural tem que se posicionar diante do fato de que esta mesma dinâmica cultural que lhe atribuiu uma nova dimensão promove dentro da sociedade moderna outro tipo de fenômeno, conhecido como cultura de massa.

Encontramos na análise de Bakhtin (1999) sobre as festas populares desde a idade média um sentido próprio para a renovação destas expressões coletivas que procuram a apreensão artística da realidade, reproduzindo através de suas imagens um universalismo profundo e buscando capturar a realidade em seu processo de devir, afastando-se da simples reprodução naturalista e instantânea da realidade. Percebemos que a necessidade de renovação é atávica aos realizadores das festas populares, ou seja, o próprio povo conduz seus processos dentro de sua realidade e contextos socioeconômicos e culturais a partir das motivações que vão sendo repassadas de geração a geração, e que se consolidam através da tradição, sem perder de vista a perspectiva de futuro.

As formas da festa popular têm os olhos voltados para o futuro e apresentam a sua vitória sobre o passado, a “idade de ouro”: a vitória da profusão universal dos bens materiais, da liberdade, da igualdade, da fraternidade. A imortalidade do povo garante triunfo do futuro. O nascimento de algo novo, maior e melhor é tão indispensável quanto a morte do velho. Um se transforma no outro, o melhor torna ridículo o pior e aniquila-o. (BAKHTIN, 1999, p. 223)

Diante desta dinâmica, as festas também passam a ser espaços para processos comunicacionais, superando seu caráter primitivo e estabelecendo novas formas de comunicação interpessoal. Neste fenômeno seus atores não atuam de forma passiva,

procuram ser agentes ativos, já que no espaço da festa estão também caracterizados as diferenças sociais e a imposição de poder. Considerando que as quadrilhas juninas e seus casamentos matutos estão inseridos no contexto das festas do ciclo junino, devemos destacar a observação de Melo, na qual:

Nas festas populares, as classes sociais interagem dialeticamente, coexistindo de forma aparente, mas na verdade enfrentando-se, ora sutil, ora de modo ostensivo, na tentativa de conquistar a hegemonia cultural. Por isso mesmo, elas se caracterizam como processos comunicacionais na medida em que os agentes socialmente desnivelados operam intercâmbios sógnicos, negociam significados e produzem mensagens coletivas, cujo conteúdo vai se alternando conjunturalmente, sempre de acordo com a correlação de forças em movimento. (MELO, 2008, p. 77)

Apesar dos casamentos matutos serem encenações preparadas e ensaiadas antecipadamente - como veremos mais adiante -, elas são produzidas dentro de uma perspectiva de que serão exibidas para grandes públicos ao longo de vários festivais de quadrilhas juninas nos quais os grupos juninos estarão se apresentando ao longo dos meses de junho e julho de cada ano. Existe, assim, uma percepção por parte dos grupos elaboradores dos conteúdos para os casamentos matutos de que o público receptor para suas mensagens está garantido, já que serão os públicos presentes às diversas festas realizadas em Fortaleza e em outras cidades onde estas quadrilhas poderão se apresentar.

O casamento matuto como elemento comunicacional nas quadrilhas juninas

O casamento matuto é uma estrutura dramática que se integrou à quadrilha junina por circunstâncias históricas e passaram a ser representados consecutivamente. Uma antiga tradição da região Nordeste determinava que os casamentos realizados nas fazendas dos grandes coronéis, tanto de suas filhas como de pessoas afins, deviam ser comemorados com uma grande festa marcada pela dança da quadrilha. Para tanto, eram convidadas as figuras mais importantes da localidade, estando também presentes moradores da região. O casamento da filha do coronel se constituía em um grande acontecimento social onde todos os convidados se apresentavam da forma mais vistosa e bem composta possível, segundo as condições de cada lugar.

Entretanto, o que era verdadeiramente um casamento religioso, com o tempo passou a ser constituir em uma encenação jocosa sobre os personagens e circunstâncias em que ocorriam os matrimônios. Este tempo ao qual nos referimos é impreciso, se formos nos ater

a um desencadeamento cronológico. Podemos dizer que em um determinado momento temos a dança da quadrilha como um complemento festivo à celebração de um matrimônio verídico e em seguida, em um outro momento, a dança da quadrilha sendo o elemento principal tendo como suporte a realização da encenação de um casamento fictício.

O casamento matuto passou, então, a compor junto com a quadrilha junina uma única manifestação fixada no calendário das comemorações do mês de junho. A oportunidade de satirizar a instituição do casamento e todas as suas implicações, e ainda representar figuras debochadas e engraçadas, fez com que o casamento se constituísse em um dos pontos altos da quadrilha junina. A liberdade de expressão de poder criticar e debochar das normas da sociedade torna este momento um importante termômetro das relações sociais de cada comunidade. Utilizando-se de conteúdos históricos, tais como a escravidão, o cangaço e, principalmente, o domínio da terra pelos grandes coronéis através do latifúndio, os conflitos representados durante os casamentos matutos sempre acabam por fazer, consciente ou inconscientemente, uma ponte entre o que é a realidade social histórica e a realidade cotidiana.

Observamos então que os casamentos matutos através de suas narrativas e a utilização de uma linguagem gestual popular procuram desenvolver um processo comunicativo com o público através de sua encenação, a partir dos conteúdos temáticos abordados. Esse processo de comunicação não deve ser considerado como algo individual e dissociado de seu contexto de existência, já que aqui estamos tratando de uma manifestação cultural de caráter coletivo, nem tão pouco uma necessidade de apenas alguns grupos dentro do universo das quadrilhas juninas na cidade de Fortaleza (CE). Sua realização procura dar vazão a uma vontade comunicacional que enfrenta o problema de comunicação já observado por Beltrão (2001) diante da variedade de grupos separados pela diversidade cultural e étnica, além da própria distância social e espacial.

A estes grupos, por uma necessidade intrínseca de serem emissores de representações de suas realidades sociais, agregamos ainda a percepção de que através das narrativas de seus casamentos matutos eles expressam sua compreensão sobre os fenômenos e problemáticas sociais, relacionando uma forma de expressão tradicional – o teatro popular – com temáticas que estão muitas vezes pautadas nos meios de comunicação de massa. O processo de construção coletiva com a contribuição de cada um que faz parte da encenação, recebendo posteriormente a aprovação e reconhecimento do restante do grupo de

brincantes, finda por caracteriza-se como um processo de comunicação coletiva de acordo com o enunciado por Beltrão:

Há, entretanto, na sociedade contemporânea, não obstante as características próprias e os conflitos de interesses imediatos de cada grupo, uma unidade mental, decorrente da própria natureza humana de seus componentes e de uma universo consenso. Os grupos acham-se, assim, vinculados a uma ordem semelhante de idéias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. Sabedoria e experiência, sobrevivência e aperfeiçoamento que só se conseguem mediante a comunicação, o processo mínimo, verbal e gráfico, pelo qual os seres humanos intercambiam sentimentos, informações e idéias. (BELTRÃO, 2001, p. 53-54)

Neste estudo, consideramos então que a permanência da encenação nos casamentos matutos nas quadrilhas juninas em Fortaleza assegura aos grupos juninos um espaço de expressão de suas idéias e inquietações sobre os fatos e problemas da sociedade nos quais estão inseridos. Veremos a seguir, então, como esta forma de expressão popular relaciona-se com os preceitos que norteiam a folkcomunicação, para que possamos verificar conceitualmente os processos comunicacionais possíveis de serem observados através das narrativas presentes em seus textos e em suas encenações.

Presença de processos comunicacionais nas narrativas dos casamentos matutos

Os textos de casamento matuto e a encenação do drama dentro da exibição das quadrilhas juninas em Fortaleza (CE) proporcionam, de certa forma, a preservação da tradição oral popular através dos conflitos dramáticos, essencialmente cômicos, que apresentam em seus enredos. Podemos observar em vários grupos a preocupação em utilizar-se de recursos da linguagem e narrativa popular peculiar ao nordeste brasileiro em suas apresentações. É frequente a utilização de lendas e contos como motivos de sustentação dramática dos casamentos, principalmente se forem ligados ao contexto dos festejos juninos. As lendas, narradas como sendo fatos reais, têm seu núcleo enraizado numa realidade, porém com desdobramentos servidos pelo exagero. Os contos, muitas vezes associados ao fantástico e irreal, têm suas ações se sucedendo sempre fora dos limites humanos, percebendo-se facilmente que se trata de ficção.

Comum também, serem observados “causos” que dão conta pormenorizadamente de alguma situação particular que venha a ter influência marcante dentro do contexto do

casamento matuto. Os contos de exemplo, que trazem sempre uma intenção doutrinária, sempre se encontram presentes no desfecho das tramas, oferecendo uma moral àqueles que se desviaram das práticas socialmente aceitas. Outras formas de narrativas presentes nos casamentos matutos são os provérbios e comparações, utilizados abundantemente dentro da encenação principalmente quando são potencializados pelo ridículo e pelo burlesco das cenas e dos personagens.

Os dramas ou conflitos dramáticos são enriquecidos quando se utilizam da literatura oral, do que se encontra fixado no imaginário popular. Segundo Martins (1986), os elementos constitutivos do conto podem ser variáveis ou instáveis e básicos, configurando-se como idéias centrais criadoras. Em volta destas idéias, os núcleos, orbitam os arquétipos próprios a cada contexto e põem-se acréscimos que dão causa às variantes. Os casamentos matutos se valem das estruturas dos contos quando os autores compartilham dentro de seu texto de alguma narrativa já conhecida do público seguindo características como a vulgaridade, a antiguidade, o anonimato, a impessoalidade, locais imprecisos e traços pessoais, físicos e morais exagerados ou caricaturados.

Estes elementos tradicionais elencados acima são reelaborados dentro das encenações dos casamentos matutos para servirem aos propósitos comunicacionais dos grupos juninos, conforme a definição clássica de Beltrão, onde a

Folkcomunicação é o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social. (BELTRÃO, 2001, p. 73)

Ainda que as narrativas não possuam um caráter estritamente jornalístico, observa-se que seus conteúdos procuram apresentar temáticas que reproduzam a idéia do grupo sobre o assunto pautado para dar sentido à narrativa. Os temas podem estar relacionados tanto com o sentido da própria festa e sua relação com a religiosidade através da devoção aos santos juninos, quanto a ressignificação de temas que estejam presentes nos meios de comunicação de massa, sendo reelaborados com elementos significativos dos festejos juninos. Este processo de comunicação popular, de acordo com o definido por Luyten (1988) a partir da compreensão da folkcomunicação, adquire uma forma de apresentação que possui influências da oralidade e do gestual na composição de suas mensagens. Não é incomum que os conteúdos temáticos dos casamentos matutos procurem estabelecer uma mediação

com os conteúdos recebidos através da comunicação de massa, usando reminiscências dessas mensagens para ganhar empatia com o público.

Como já observado por Benjamim (1999), não se pode pensar a existência de uma população de cultura *folk* desvinculada da cultura da sociedade onde está inserida. Esta população nunca estará indiferente à comunicação de massa, passando a criar um sistema de seleção dos conteúdos que lhe serão úteis para concretizar o processo de mediação dos conteúdos transmitidos. Quando utilizados na encenação dos casamentos matutos, estes traços da cultura de massa são reprocessados e utilizados ao livre arbítrio pelos grupos, podendo-se observar tanto a confirmação de valores da ideologia dominante, quanto o desvirtuamento por completo desses valores, através da comédia e da sátira, características próprias da encenação. Apesar de Benjamim (1999) relatar que em Recife (PE), Aracajú (SE), Natal (RN), Caruaru (PE), Campina Grande (PB) e Mossoró (RN), a dramatização dos casamentos matutos das quadrilhas juninas terem assimilado certa obscenidade oriunda dos programas humorísticos transmitidos pela televisão, observamos que no caso de Fortaleza (CE), a presença dos casamentos matutos, apesar de assimilares conteúdos dos meios de massa, procuram desenvolver mensagens próprias, sendo considerados como instrumentos informacionais importantes para o entendimento da temática que a quadrilha junina está apresentando.

Se partirmos do pressuposto de que os conteúdos presentes nas narrativas dos casamentos matutos possuem uma intencionalidade comunicacional, podemos então nos fundamentar na perspectiva detalhada por Lucena Filho (2007), na qual a teoria da folkcomunicação pertence à escola funcionalista da comunicação, na qual seu paradigma reside em sua função, onde a intenção no ato comunicativo é predominante. A atualização das temáticas nas quadrilhas juninas, passar a ser foco de um estudo a partir da folkcomunicação no momento em que sejam observadas “relações fronteiriças entre o folclore (entendido como cultura popular) e a comunicação de massa (gerada pelos massivos de comunicação)”. (LUCENA FILHO, 2007, p. 59)

A encenação do casamento matuto como expressão de uma cultura folclórica e sua absorção de elementos da comunicação de massa oferece, então, um vasto campo de observação empírica, sendo necessário ainda de acordo com Beltrão

estudar-lhes a linguagem, situar em sua mensagem, aparentemente distante do propósito informativo-opinativo – porque na maior parte das vezes destinada especificamente a preencher ócios, proporcionar mero entretenimento ou fazer negócios – situar-lhe o conteúdo rico de

significados, que produziria no ouvinte, no leitor ou no assistente o mesmo efeito da retórica jornalística entre os receptores do outro Brasil. (BELTRÃO, 2001, p. 76-77)

Desta forma, a observação dos fenômenos de folkcomunicação nos casamentos matutos deve estar atenta a relação estabelecida entre a cultura popular e a cultura de massa, pois os aspectos de aproveitamento dos conteúdos massivos por parte dos grupos populares se apresentam de forma muitas vezes enfática dentro das temáticas apresentados, porém devemos estar cientes dos meandros e caminhos seguidos pelos agentes que em sua subjetividade atribuem novos valores e novos sentidos ao veiculado pelos meios de massa. Por isso, nos valemos desta disciplina para nossa observação e compreensão dos fenômenos comunicacionais presentes nos casamentos matutos, já que

A folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas. (MELO, 2008, p. 25)

Improvisação e construção cênica

A encenação dos casamentos matutos tem sua gênese na improvisação. A estrutura que observamos atualmente, com produção textual prévia e direção teatral, têm origem na passagem da década de 1980 para 1990. Um resgate importante desta memória foi feito por Deugiolino Lucas Martins (2003) na monografia “O casamento matuto nas tradições juninas – Um olhar contextualizado”, na qual aborda aspectos da construção da estrutura dramática e nos dá seu testemunho como autor e diretor de casamentos matutos em Fortaleza (CE).

Nos dias de hoje, é prática comum os grupos de quadrilhas juninas se utilizarem dos recursos teatrais para a elaboração do casamento matuto. A estrutura do texto passa a ter então:

- a) Temporalidade, informando o tempo em que a história se passa, as passagens de cena e seu desenrolar;
- b) Localização, o local onde se passa a trama, descrevendo suas características e acontecimentos particulares;
- c) Percurso da ação, os acontecimentos que vão surgindo através da história do casamento;

d) Perfil dos personagens, que são representados pelos integrantes da quadrilha junina, protagonizando situações alegóricas e satíricas, com linguagem popular. (MARTINS, 2003)

Alguns tipos de linguagens orais presentes nos casamentos matutos ou fontes de inspiração dramática são descritas por Araújo (1973) e podem ser facilmente identificadas pelo público, sendo inclusive utilizadas com o intuito mesmo de atrair a atenção e criar familiaridade com quem está assistindo à encenação. São as adivinhas, as estórias, os trava-línguas, os provérbios, as paremiologias, os romances, as anedotas, a literatura de cordel, as frases feitas, os ditos, as pragas e os gestos.

A permanência da utilização destas modalidades de linguagem relacionada anteriormente constitui uma forma de substanciar a elaboração de um discurso, onde a memória torna visível um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente. Como este sistema de codificação é associado a um determinado grupo social, a realização da encenação do casamento matuto constitui-se em um espaço para a promoção dessas reminiscências orais, que, se omitidas ou desprezadas, estariam condenadas ao esquecimento já que não fazem parte do discurso do poder. (FREITAS, 2002)

Personagens e conflitos dramáticos

Os principais personagens que participam da encenação dos casamentos são o casal de noivos, os pais da noiva, pais do noivo, o padre, o juiz, o delegado, o jagunço, padrinhos e madrinhas. Outras figuras sempre são introduzidas de acordo com o enredo da história, assim podemos ter ainda uma amante para o noivo, soldados que acompanham o delegado, um bêbado, o sacristão, o escrivão, os empregados da fazenda do Coronel, etc. É importante dizer que as circunstâncias em que ocorre o casamento sempre é o conflito central da história. Por muito tempo este conflito foi constituído do fato de a noiva estar grávida e o noivo ser forçado a casar contra sua vontade. Essa situação, apesar de constituir um conflito básico, frequentemente é renovada com ingredientes que tornam a situação mais polêmica ou mais esdrúxula.

Com o passar do tempo, os próprios grupos sentiram a necessidade de modificar as situações de acordo com as transformações e novos conflitos que permeiam o seu cotidiano. Hoje, um casamento matuto pode gerar situações tais como: o pai da noiva (o Coronel) já é a favor do casamento porque o noivo é rico, o casal tem que mudar-se para capital em busca

de melhores condições de vida, a seca no nordeste provoca a fome e a imigração, os interesses políticos e a farsa das promessas nas campanhas eleitorais, etc. Todo o universo que compõe o cotidiano dos grupos de quadrilha junina é passível de compor a trama do casamento. Contudo, o enredo deve girar sempre em torno do enlace matrimonial e dos conflitos paralelos que são gerados de acordo com a temática e o enfoque que a representação queira dar.

O momento da representação do casamento dentro da quadrilha fica a livre escolha de cada grupo, porém comumente se vê a encenação ocorrer como uma primeira parte da apresentação com duração média de dez minutos. Como a referência histórica diz que as quadrilhas eram dançadas pelos convidados da festa, estes personagens são representados pelo resto dos brincantes que seguem o casal de noivos no ritmo da dança e na sequência de passos marcados pelo “gritador” ou “marcador”. Este último desenvolve os passos ensaiados sempre com os brincantes aos pares ou em grupo, movimentando-se em filas, grupos, rodas, travessias e outras figurações.

Considerações finais

Podemos finalizar considerando que em Fortaleza (CE), as quadrilhas juninas mantêm com muita responsabilidade a encenação do casamento matuto dentro de suas realizações. Esta verificação revela que este elemento significativo da linguagem das quadrilhas juninas é considerado pelos grupos de forma positiva e que deve ser incentivado, pois como podemos ver neste estudo, é durante estas encenações que se pode explorar as particularidades das linguagens e narrativas, sendo o casamento matuto um veículo de difusão desta característica de nossa cultura popular e meio de comunicação de conteúdos propostos pelo grupo.

Com o destaque que ainda possuem dentro das quadrilhas juninas e nos festejos juninos em geral, os autores e diretores que se ocupam de trabalhar as encenações têm procurado cada vez mais utilizar elementos característicos da cultura popular tradicional do nordeste, em especial do Ceará, na elaboração de seus conflitos dramáticos, acrescidos ainda dos recursos cenográficos e adereços que são significantes das práticas cotidianas na zona rural.

Apesar de algumas transformações e adaptações, os casamentos matutos estão longe da estilização levada para a eliminação das características originais das quadrilhas juninas.

São produzidas, sim, representações em que através da expressão da quadrilha cada grupo possa organizar suas mensagens e ideologias. Embora possam estar direcionadas a debater conflitos e fatos do cotidiano ou representar uma crítica social direcionada aos poderes públicos, sempre têm como desfecho a tradicional aceitação do casal de noivos em um enlace afetivo, e a partir daí seguir para a comemoração em forma de dança, que é a quadrilha junina. As quadrilhas juninas se mantêm fiéis às suas identidades, como cada povo que possui suas particularidades, em cada região, dentro de suas perspectivas históricas. Percebemos que a dinâmica na linguagem e adaptação de narrativas com referências para a modernidade não veio para anular a tradição, e sim para reafirmar seus reais valores sob uma nova forma de expressão que podem ser validados através dos conceitos da folkcomunicação.

Com tudo isso, as festas juninas e suas quadrilhas continuam sendo manifestações vivas no universo cultural de nosso povo, preservando dignamente uma tradição passada de geração a geração pela oralidade e pela regularidade de sua realização. Realização esta que está nas mãos de cada grupo de quadrilha, que por julgamento próprio constrói sua expressão cultural de acordo com seu entendimento acerca da heterogeneidade que cerca a cultura da sociedade contemporânea. Em todos os casos, podemos dizer que existe um equilíbrio muito claro entre o tradicional e o moderno, e que as tendências que se perpetuam são aquelas que encontram respaldo no meio quadrilheiro e junto ao público. Não encontramos, assim, nenhuma ação voltada para uma descaracterização extrema nas manifestações observadas em Fortaleza (CE), mas sim um desejo claro da valorização deste produto cultural e da constante preocupação com a recepção do público que vai aos festivais e festas ver as quadrilhas, porque este é considerado o grande júri que dará legitimidade aos trabalhos apresentados.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento – O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIM, Roberto. **A nova abrangência da folkcomunicação**, in Revista PCLA – Pensamento Comunicacional Latino Americano. (Volume 1 - número 1: outubro / novembro / dezembro 1999).

DURHAN, Eunice Ribeiro. **A dinâmica cultural na sociedade moderna**, in Ensaios de Opinião, nº 4. Rio de Janeiro: Editora Enubia, 1977.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** (6 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande – PB: uma estratégia de folkmarketing**. João Pessoa: UFPB/Universitária, 2007.

LUYTEN, Joseph. **Sistemas de Comunicação Popular**. São Paulo: Ática, 1988.

MARTINS, Deugiolino Lucas. **O casamento matuto nas tradições juninas – Um olhar contextualizado**. Monografia de especialização apresentada ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará. Fortaleza, 2003.

MARTINS, Saul. **Folclore: teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida – Por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.